

A Mulher, a Inquisição e a Bruxaria na Baixa Idade Média

Pesquisa por: Pedro Augusto Gomes¹ e Rachel Penteado²

Muitas foram as dúvidas levantadas acerca deste estudo e, tentaremos colocar algumas das principais, as quais foram fichadas por nós durante os estudos. Aqui trabalharemos basicamente, com o conceito da mulher, ou ainda segundo Georges Duby, “como as mulheres eram tratadas naquele tempo³”, como a inquisição as via e também, qual seu papel dentro da bruxaria.

A desigualdade entre os sexos na baixa Idade Média não é algo recente. Ela se dá desde o início de uma sociedade hierarquizada e é sustentada por discursos misóginos. O período medieval herda da Antiguidade a doutrina aristotélica, especialmente após São Tomas de Aquino, de que a mulher seria um homem incompleto e imperfeito, ou seja, a mulher como um ser biologicamente inferior.

Une-se a esse ideal, a concepção moral da inferioridade feminina, fornecida pelos padres e teólogos medievais. Tal concepção é melhor analisada pelo historiador José Rivair Macedo, que busca examinar as duas maiores imagens do feminino trazidas pela Bíblia e que, permeou o pensamento medieval a respeito das mulheres. Veremos a análise dessa concepção mais para frente nesta pesquisa.

De volta a Duby, o medievalista francês vai afirmar logo que, naquela época os homens eram extremamente preconceituosos e misóginos quanto às mulheres. Na melhor das hipóteses, seu papel no mundo medieval era proporcionar prazer, conceber um herdeiro e servir. Étienne de Fougères, um padre que viveu no século XII vai apontar em sua obra, o *Livre des Manières* (Livro das Maneiras) que a “mulher é portadora do mal⁴” e, ainda dentro da obra do padre, a mulher dentro de uma sociedade considerada perfeita, sociedade esta vista pelo prisma do que desejava o Criador, a colocava em último lugar. Segundo Étienne a sociedade seria dividida entre os que dominavam que

¹ Graduando em História (Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especializando-se História Medieval e com Projeto de IC: **ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DA ICONOGRAFIA DO DIABO NA IDADE MÉDIA ENTRE OS SÉCULOS XIV-XV.**

² Graduanda em História (Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especializando-se História Medieval e com Projeto de IC: **ANÁLISE DO LIVRO DA CIDADE DAS DAMAS (1405) DE CHRISTINE DE PIZAN COMO RESPOSTA A MISOGINIA MEDIEVAL.**

³ DUBY, 2013, p. 255.

⁴ DUBY, 2013, p. 256.

eram os reis, os clérigos e os cavaleiros e, aqueles que eram dominados como os camponeses, os burgueses e por último, as mulheres. Macedo reforça o que dizia Étienne sobre a posição da mulher na sociedade medieval citando outro medievalista francês, ninguém menos que Jacques Le Goff, quando este afirmou que, as mulheres estavam incluídas,

[...] na categoria dos “desprezados”, quer dizer, daquelas pessoas até certo ponto integradas, mas mal aceitas ou até vítimas de preconceitos. [...] Não obstante, eram menosprezadas⁵.

Mas de onde vem este ódio pelas mulheres, a ponto de considera-las como aquelas que semeiam a discórdia ou ainda, as que dão origens as guerras? Podemos aqui apontar dois exemplos. Dentro da baixa Idade Média, sabemos que a principal religião da Europa sem dúvida nenhuma é o cristianismo e que, inúmeros textos e tradições orais haviam chegado ao conhecimento da cúpula da Igreja Católica em seu tempo. Nesse caso como primeiro exemplo, podemos então considerar a hipótese de que Lilith tenha tido parte na formulação deste pensamento? De forma resumida pois não é o objeto desta pesquisa, Roberto Sicuteri em sua obra vai dizer que Lilith e Adão tinham uma relação bem conturbada. Lilith irá surgir para Adão coberta de saliva e de sangue e, como o próprio Sicuteri nos apresenta, “no princípio (Jeová Deus) a criou, mas quando o homem (Adão) a viu cheia de saliva e de sangue afastou-se dela⁶”. Podemos tirar a conclusão, ainda seguindo o raciocínio do autor que Adão teria ficado angustiado, mas também principalmente, achou toda essa situação – uma mulher coberta por saliva e sangue – bem desagradável. Após este primeiro encontro conturbado, Lilith se revoltaria durante o ato sexual e perguntaria a Adão,

Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo?
[...] Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual⁷.

⁵ MACEDO, 2002, p. 47.

⁶ SICUTERI, 1986, p. 27.

⁷ SICUTREI, 1986, p. 35.

Lilith cobra o equilíbrio, mas dentro do Éden há uma regra de Jeová Deus que não deve ser quebrada e, a pista para essa regra está na afirmação de Sicuteri acerca da criação da mulher,

Seguramente aqui interveio a agressividade masculina inserida na sociedade hebraica estruturada rigidamente em sentido patriarcal com acentuação dos valores patrilineares⁸.

Enfim, Lilith sofre com a repressão uma vez que ela quando abandona o Éden, sofrerá com inúmeras ameaças de Deus e ainda, receberá a ordem de que deve voltar ao Éden e viver sob a autoridade de um homem, aqui no exemplo apontado, Adão.

Sobre a análise de Macedo mencionada anteriormente, na literatura cristã medieval, coexistiam duas mulheres famosas e completamente opostas. Eva, a pecadora e Maria, a mãe de Jesus. Eva foi usada primeiramente para ilustrar a figura da mulher medieval.

Maria, no entanto, representante da redenção, só poderia ser utilizada como exemplo, um ideal inalcançável, sendo ela a única a conseguir o feito de ter um filho ainda virgem. Embora Hilário Franco Junior acredite que o culto Mariano tenha ganhado força em meados do século XII devido a uma valorização do sexo feminino, outros historiadores, como Howard Block, discutem que a glorificação da Virgem Maria não consegue contradizer a depreciação geral das mulheres. Seu culto tinha apenas um caráter de sentido moral.

Eva será o segundo exemplo a ser trazido, também de forma breve por não se tratar do objeto desta pesquisa. Eva, a segunda mulher criada por Deus, não foi criada a partir da imagem e semelhança de Deus como Adão, ela foi criada a partir da costela de Adão, o que segundo Macedo, alguns teólogos,

[...] consideram-na mera projeção da criação divina. Essa distinção e gradação entre o homem – dotado da imagem divina [...] –, e a mulher, – detentora apenas da semelhança divina [...] –, para eles constituía uma prova da “inferioridade natural” do homem na fraqueza de Eva ante a sedução de Satã⁹.

⁸ SICUTERI, 1986, p. 28.

⁹ MACEDO, 2002, p. 66.

Mas Eva vai representar muito mais do que essa inferioridade a qual Macedo nos apresenta na citação acima, além de sua subordinação natural, Eva também representa o pecado original. Sendo ela mulher, foi fraca e cedeu as tentações do pecado, levando a raça humana para sua eterna danação e, com a sedução de Eva, Deus expulsa-os Paraíso. O que podemos entender é que, este ato falho de Eva será crucial para que os teólogos se concentrem em montar parte de seu arsenal contra as mulheres, afinal e ainda segundo Macedo,

Boa parte do arsenal antifeminino dos teólogos e moralistas baseava-se na regra segundo a qual as mulheres levavam o homem à danação. Eram consideradas perigosas, frágeis, astuciosas, encenqueiras, inconstantes, infiéis e fúteis; sensuais, representavam obstáculo à retidão¹⁰.

À mulher então, restava à pregação e crença de um ser fraco, subordinado e sujeito aos piores tipos de vícios e defeitos morais. Vejamos também o que disseram outros dois teólogos como por exemplo Tertuliano (160-220) e São Jerônimo (347-420) sobre as mulheres em suas respectivas épocas, séculos III e IV,

São Jerônimo [...]. No célebre tratado *Adversus Iovinianum* (Contra Joviniano) [...] as considera o propício de todos os males, as sedutoras das almas puras dos homens. [...]. Tertuliano podia afirmar: “Tu és a porta do diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar a lei divina¹¹”.

Apenas com o intuito de exemplificar dois dos termos – frágeis e sensuais –, quando Macedo menciona a mulher como um obstáculo à retidão anteriormente, poderíamos pensar em ligar o termo sensualidade à luxúria e, na obra do filósofo Luther Link, este apontou o relato de um monge do século V, Pacômio, relatando sua experiência com o demônio em forma de mulher,

O diabo da luxúria tomou a forma de uma moça etíope que eu quando moço costumava observar nos momentos em que se curvava para colher cana no verão. E ela então se aproximou, sentou-se no meu colo e me pôs a arder em tanta luxúria que imaginei estar copulando com ela, e meu coração ficou em chamas¹².

¹⁰ MACEDO, 2002, p. 68.

¹¹ MACEDO, 2002, p. 68.

¹² LINK, 1998, p. 63

A citação acima é um ótimo exemplo do que Macedo quis dizer – obstáculo à retidão –, Pacômio estava em sua clausura, mas a mulher etíope, que segundo o monge parece ter se abaixado de forma extremamente sensual o desviou de seu caminho.

Quanto à fragilidade da mulher em si, no final da baixa Idade Média, William Perkins (1558-1602) um dos mais conceituados demonologistas de sua época, vai afirmar que o motivo pelo qual o diabo se aproximava mais das mulheres, estava no fato de que estas, eram “mais propensas à superstição, mais facilmente enganadas por ilusões e promessas demoníacas¹³”.

O que queremos dizer, é que a Igreja afirmava que os primeiros pecadores, eram aqueles que não conseguiam conter seus impulsos e/ou sentimentos. É por essas e outras que, “nos padrões de conduta definidos e orientados pela Igreja, o corpo e tudo o que a ele estivesse relacionado era tratado com extrema desconfiança¹⁴”. O sexo era tratado com aversão pela Igreja Católica, visto que este assunto levava ao pecado e a perdição humana. Macedo vai afirmar que no século XII, algumas das obras nas catedrais vão apresentar ao povo, através das imagens, sobre o risco de se deixar levar por seu apetite sexual e, a mulher vai ter um papel de extrema importância em tais obras, uma vez que ela já foi seduzida, pende naturalmente para o sentimento do que para a razão e logo, como “inspiradora do desejo, é por excelência agente do mal, causa do desespero, da morte e da danação eterna¹⁵”. Lembremo-nos também de Le Goff, que já dizia que a Igreja Católica ensinava o povo medieval em sua grande maioria iletrado, por meio de sua arquitetura, sermões e imagens.

Então e, com o intuito de exemplificar o parágrafo anterior, dentro de um contexto iconográfico, como parte de um processo de instrução por parte da Igreja Católica vamos reparar que o desejo sexual, isto é, a luxúria, era representada por uma linda mulher. A imagem 1 é um bom exemplo do que estamos querendo apresentar, trata-se de uma bela mulher com uma serpente que sobe por suas pernas, ao passo que do outro lado, temos uma representação de um diabo hediondo e desproporcional. Jeffrey Burton Russell já diria, eram “figuras grotescas, com a aparência de animais

¹³ CLARK, 2006, p. 163.

¹⁴ MACEDO, 2002, p. 68.

¹⁵ MACEDO, 2002, p. 69.

horríveis ou como uma mistura entre animais e seres humanos¹⁶”. Mas qual o nosso ponto aqui com a apresentação da imagem 1? A mulher está diretamente ligada ao pecado e também, ao principal elemento que leva às pessoas a pecarem, o maligno. No entanto, para uma pessoa com um senso crítico mais voltado ao ceticismo, esta imagem que foi esculpida na Abadia de Vézelay, poderia ser mera coincidência. Neste caso, apresentaremos outro elemento iconográfico com o intuito de caracterizar de forma mais concreta nosso raciocínio. A imagem 2, mostra Moisés descendo do monte Sinai com os Dez Mandamentos quando se depara com uma cena pecaminosa e, voltando novamente a Link,

[...] as pessoas se cansam de esperar que Moisés regresse do monte Sinai e pedem a Aarão que molde um bezerro com seus ornamentos de ouro. Aarão atende ao pedido, e o povo se prostra diante daquele novo ídolo. Deus alerta Moisés sobre a transgressão, ele desce ao acampamento dos israelitas e encontra os adoradores banquetando-se e dançando. Furioso, Moisés quebra as tábuas dos Dez Mandamentos, apodera-se do bezerro de ouro, incinera-o, pulveriza os restos lança o pó à água e obriga os israelitas a bebê-la¹⁷.

Curiosamente a questão do bezerro de Aarão reaparecerá muitos séculos depois, despertando o interesse do pensamento dos cristãos dos séculos XI e XII – recorte temporal o qual as imagens na Abadia foram esculpidas – quando estes começaram a julgar que, “o bezerro de ouro era o Diabo sob a forma de um ídolo pagão¹⁸”. Ainda trabalhando estas duas imagens, poderíamos partir para um exame mais profundo destas seguindo as teorias de Erwin Panofsky, mas esta análise não cabe aqui nesta pesquisa. Mas por outro lado, precisamos apenas enfatizar que esta imagem do Diabo que aparece nas esculturas da Abadia, é apenas uma das fases – se é que podemos trabalhar com este termo – de uma iconografia que vai surgir no século VI e aqui propositalmente irá até o final da baixa Idade Média. Russell vai trabalhar com a teoria de um diabo desproporcional e antropomórfico e, Link vai apontar que este cabelo flamejante poderia estar ligado aos bárbaros, quando afirma que esta suposição teria partido de alguns monges que teriam lido Diodoro Sículo – que viveu no século I a.C. –

¹⁶ RUSSELL, 1987, p. 93.

¹⁷ LINK, 1998, p. 25.

¹⁸ LINK, 1998, p. 25.

que afirmava que “os celtas lavavam os cabelos com visco, para endurecer as madeixas¹⁹”.

Visto isso, voltemos ao objeto central desta pesquisa, a mulher na baixa Idade Média. Ainda no século XI vamos ver que a Ordem de Cister trabalharia pela expansão do cristianismo, contra os grupos hereges e também, prestemos atenção nestes dois detalhes, pela submissão da natureza e pela submissão da mulher. Anteriormente, vimos que as referências imagéticas do maligno com seus cabelos flamejantes, poderiam ter sido inspiradas nos celtas, o que nos leva a entender que estes teriam tido um papel crucial dentro imaginário cristão, servindo como inspiração para a Igreja, de forma a instruir os cristãos sobre o paganismo e também, desvio de conduta. Vale lembrar que o historiador grego Políbio – que viveu entre os séculos III a.C. e II a.C. – já dizia, segundo Rolf Strootman, que os “Celtas, [...], não conheciam a lei nem a ordem, nem tem cultura²⁰”.

Claro que aqui caberia uma pesquisa mais investigativa sobre, mas dentro de uma supremacia da Igreja Católica, acabar com os poderes da mulher eram essenciais uma vez que esta tinha como intuito, “identificar todo e qualquer obstáculo à consecução do domínio universal da Igreja de Roma com a ação do diabo²¹”. O que queremos dizer aqui, é que os celtas foram peça chave para a Igreja Católica, seus cultos sobreviveram desde o mundo antigo e precisavam ser contidos, segundo Marcos Del Roio,

Para que fossem contidos os cultos celtas da fertilidade com sua valorização do feminino que, embora sobrevivessem desde o mundo antigo, estavam ganhando grande impulso com o florescimento da agricultura, era preciso que as pontes ligando o poder biológico e curativo da mulher ao mundo fossem interrompidas²².

Em outras palavras, para a Igreja Católica, se a mulher quisesse fazer parte da sociedade e principalmente da Igreja, esta teria de negar sua natureza, do contrario, esta seria inferiorizada e também, marginalizada. O próprio Del Roio vai afirmar que no

¹⁹ LINK, 1998, p. 79.

²⁰ STROOTMAN, 2005, p. 101.

²¹ DEL ROIO, 1998, p. 22.

²² DEL ROIO, 1998, p. 22.

recorte temporal aqui trabalhado, a mulher era responsabilizada pela perturbação da ordem social.

De forma resumida até o momento, vimos que Lilith foi a mulher desobedeceu a Deus, renegou Adão e o Paraíso. Eva é vista como aquela que também desobedeceu a Deus, não resistiu à tentação, em outras palavras pecou e, lançou a humanidade à danação e, por fim, que todo e qualquer tipo de sociedade ou cultura que apontasse algum valor à mulher, como no exemplo dos celtas, seria vista de forma pejorativa andando na contramão do que pregava a Igreja Católica. Vamos entender que estes exemplos trabalhados acima, são mais do que pertinentes para compreender que os religiosos e teólogos da baixa Idade Média, nada mais fizeram do que aumentar o que outros antes destes pensavam e diziam sobre a mulher. Um discurso de ódio, afirmando que as mulheres eram libertinas, escandalosas, causadoras da cizânia, revoltadas, tinham ventre voraz, ciumentas, levianas e, como Duby nos exemplifica, aqui no caso sobre Étienne de Fougères – que viveu no século XII –, este teólogo da baixa Idade Média “mergulhou em uma vasta, uma antiquíssima corrente de palavras misóginas²³”. Marbode de Rennes (1040-1123) é outro religioso, que imaginava a mulher como um monstro que nunca deveria ser confrontado, em seu exemplo, uma Quimera com,

[...] uma cabeça, a do leão, meduseia, carnicreira; uma cauda, a do dragão, viscosa, semeando a morte, a danação. Mas, entre as duas, ele não colocava um corpo de cabra, colocava uma fornalha, nada mais. O fogo. Incandescência, combustão, devoração. Que ninguém ouse afrontar esse monstro, seus golpes são indefensáveis, é preciso fugir dele a toda pressa²⁴.

Essa vontade dos religiosos medievais em aumentar o discurso de ódio contra a mulher, distorce até mesmo a Quimera a qual Pierre Grimal vai descrever como,

Um animal fabuloso, um misto de cabra e de leão. Ora se considera que tem a parte posterior de serpente e cabeça de leão implantada num corpo de cabra, ora que tem várias cabeças, ora que tem várias cabeças, uma de cabra e outra de leão. [...] Belerofonte conseguiu mata-la com a ajuda do cavalo alado Pégaso²⁵.

²³ DUBY, 2013, p. 260.

²⁴ DUBY, 2013, p. 261.

²⁵ GRIMAL, 1993, p. 402.

Sim, a Quimera medieval tem traços da Quimera da antiguidade, mas o fato está na descrição aqui trazida. Dá para percebermos que na descrição de Grimal, hipoteticamente falando temos uma imagem artística e até poética da criatura, ao passo que para Marbode, essa mesma criatura parece ter saído diretamente do inferno.

Acreditamos que este tipo de discurso seja uma pista, quando Duby vai apontar que as mulheres deixavam os homens inquietos, logicamente e o que nos leva a crer que, no imaginário do homem medieval a mulher andava lado a lado com a morte. O historiador Jean Delumeau vai dizer que, “não é por acaso que em muitas civilizações os cuidados dos mortos e os rituais funerários cabem às mulheres²⁶” e também ainda dentro desse imaginário do homem medieval, a Igreja Católica através do “sermão, meio eficaz de cristianização a partir do século XIII, difundiu sem descanso e tentou fazer penetrar nas mentalidades o medo da mulher”. Além do medo por parte dos homens da baixa Idade Média, a mulher também era considerada uma criminosa sem escrúpulos. Observemos o que afirma sobre isto o medievalista Georges Duby,

Um filho morre, nascido ou por nascer, só pode ser a mãe; descobre-se de manhã um marido morto em sua cama, só pode ser a esposa, por drogas misteriosas cujas receitas ela conhece²⁷.

A mulher praticamente é a única responsável, observando a citação anterior, à pratica dos seguintes delitos, o aborto e/ou infanticídio e também, o assassinato de seus respectivos maridos. Não é para menos que o bispo Burchard – que viveu entre os séculos X e XI – vai em seu *Decretum* (Doutrina), fazer perguntas específicas e extremamente frias às mulheres, com relação às práticas sexuais e às crianças, estas perguntas poderiam ser,

[...] Fizeste o que certas mulheres tem o costume de fazer, fabricaste uma certa máquina [...] do tamanho que te convém, uniste-a ao lugar de teu sexo ou ao de uma companheira e fornicaste com outras más mulheres ou outras contigo, com esse instrumento ou um outro? [...] Tu te ofereceste a um animal, provocaste-o, por algum artifício ao coito? [...] Provaste da semente de teu homem para que ele arda mais de amor por ti? [...] Exerceste o proxenetismo, teu ou de outras? [...] Fizeste o que certas mulheres tem o hábito de fazer, quando fornicam e querem matar sua ninhada? [...] É por pobreza, por dificuldade em alimentar o filho, ou por fornicação e para

²⁶ DELUMEAU, 2001, p. 312.

²⁷ DUBY, 2013, p. 270.

ocultar o pecado? Mataste voluntariamente teu filho ou tua filha? Deixaste-o muito perto de um caldeirão de água fervente²⁸?

Outro elemento base o qual precisamos entender, ainda que de forma breve, está em como que funcionava um casamento na baixa Idade Média, ora, se havia um controle tão rígido quanto à uma relação, de que forma o casamento devia agir perante aos olhos de Deus e da Igreja Católica? A primeira parte da resposta está em entender que esta mesma Igreja Católica tinha como principal característica controlar à prática sexual de seus fieis. O ato sexual tinha apenas um objetivo, a reprodução, a continuação da linhagem, mas nunca o prazer. Macedo vai dizer que a partir do século IX já havia uma preocupação por parte dos cristãos por conta do casamento, afinal, esta união passa a ser considerada uma criação divina. É como aponta Macedo novamente,

Por intermédio do casamento esperava-se controlar a sexualidade dos fieis e lutar contra a fornicção. Transformada em sacramento, sacralizada, a união conjugal tornar-se-ia veículo de controle do comportamento da sociedade por parte da Igreja²⁹.

Mas o casamento na baixa Idade Média não era só isso, o próprio Macedo nas páginas de sua obra vai dizer que ao homem, cabia a responsabilidade de cuidar de um ser tão frágil – a mulher –, amando-a como amava a si mesmo, ao passo que à mulher restava ser submissa a seu marido. E ainda para Macedo,

Nessa ótica, a inferioridade das mulheres ligava-se a sua fraqueza ante os “perigos da carne”. No centro da moral cristã existia uma desconfiança aguda em relação ao prazer. Segundo os moralistas, este manteria o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar em direção a Deus³⁰.

Essa desconfiança quanto ao prazer a qual Macedo cita acima, está diretamente ligada com a condenação dos prazeres físicos em uma relação, retiramos aqui que, os religiosos condenavam o prazer físico sim e, já mencionamos anteriormente que o sexo só tinha um propósito, a procriação. Para estes religiosos, até mesmo os movimentos entre quatro paredes tinham de ser disciplinados e, mesmo os escritos do século XI que

²⁸ DUBY, 2013, pp. 265-267.

²⁹ MACEDO, 2002, p. 23.

³⁰ MACEDO, 2002, p. 26.

tratavam do assunto tinham regras para as posições sexuais. Para as mulheres durante a relação, “não convinha demonstrar sensação de prazer, mas manterem-se passivas durante o coito³¹”.

A partir disto, tentaremos entender um pouco mais sobre um estigma – no sentido figurado é claro – que a mulher da baixa Idade Média vai carregar por muitos anos, a qual trataremos a seguir.

A bruxa, esta sempre fez parte do imaginário do homem medieval, da alta cúpula do cristianismo até a pessoa mais humilde e, atravessou séculos perdurando até os nossos dias. A grande maioria das pessoas sabe perfeitamente ou tem alguma noção do que é uma bruxa e, o que esta pode ou não fazer, claro que de acordo com o imaginário particular de cada pessoa. Mas a primeira pergunta a ser feita é, o que é uma bruxa? Ou melhor, dentro de nosso recorte temporal aqui estudado, o que era uma bruxa? Uma resposta muito intrigante poderia ser, alguém que sabe tudo? Merrill F. Unger vai dizer que, “desde o século XIII, a palavra “bruxa”, que parece denotar etimologicamente “aquele que sabe”, passou a se referir a essas criaturas imaginárias grosseiramente como ímpias³²”. Outra explicação pode ser encontrada na obra de Roberto Sicuteri, quando este a retrata da seguinte forma,

O íncubo produzido pela psique se desenvolve e se faz mais constante, acabando por exteriorizar-se: a hostilidade para com os conflitos sexuais, pertinazmente ignorados, vem ao encontro da ciência e a altera. A partir deste momento a aversão pelos instintos será projetada sobre “certas” mulheres, segundo específicos enquadramentos socioculturais e socioeconômicos. Elas se tornarão bruxas, personificações obsessivas dos fantasmas e das superstições coercitivas, que no início da Idade Média se manifestavam no mundo objetivo³³.

A mulher a partir deste momento estaria condenada a pagar pelo ódio masculino, que sempre quis reprimir os elementos eróticos e/ou sensuais e, os sabás serão a prova cabal disso. Ainda que fossem elementos que sempre estiverem ocultos dentro da sociedade nos séculos XIII e XIV, expliquemos, as bruxas não apareciam e nunca apareceram, mas graças a um ótimo trabalho por parte da Igreja Católica e o boca-a-boca nas ruas, muitas pessoas poderiam jurar que conheciam os trabalhos

³¹ MACEDO, 2002, p. 26.

³² UNGER, 1994, pp. 156-157.

³³ SICUTERI, 1986, p. 111.

destas mulheres compactuadas com o maligno. A Inquisição terá um papel essencial na introdução física das bruxas no mundo medieval, como uma mulher, de preferência pobre e que está mancomunada com o demônio. Podemos dizer que graças a essa materialização da figura da bruxa na sociedade por parte da Inquisição, esta que já tinha perguntas específicas de caráter sexual para as mulheres, agora e, lembrando do bispo Burchard vai trazer perguntas ainda mais específicas sobre feitiçaria,

Podem as bruxas impedir a potencia geradora ou o ato sexual?
Podem as bruxas operar tais prodígios de ilusão através dos quais parece que o membro viril fica completamente destacado do corpo?
Podem as bruxas agir sobre os homens de modo a transformá-los em bestas com a arte do corpo³⁴?

Temos então um novo modelo estabelecido pela Igreja Católica na luta entre o bem contra o mal e, a nova personagem ligada ao mal diabólico, profano e cheio de imundícies carnis é a bruxa. Se alguém adoecia, provavelmente a culpa era de algum feitiço, ou ainda, como James Sharpe vai chamar dentro de uma “terminologia técnica contemporânea *maleficium*³⁵”. Este *maleficium* era provindo do pacto os quais as bruxas faziam com o demônio em seus sabás, com o intuito de angariar poderes sobrenaturais, por conta desse pacto e, dentro do imaginário dos religiosos medievais, as bruxas tinham o poder de encantar, transformar, voar, castrar os homens, produzir venenos a partir de elementos considerados mágicos, fossem materiais ou incorpóreos e também, loções diabólicas. Mas é interessante notar que, mesmo que as bruxas a princípio tivessem um papel como um sujeito oculto na baixa Idade Média, em outras palavras, vivas apenas no imaginário de homens e mulheres de todas as classes sociais, podemos identificar que aos homens coube o papel de vítimas destas bruxas ao passo que, para as mulheres, coube carregar este fardo, não por algum tipo de acontecimento sobrenatural, mas pelo simples fato de serem mulheres. É como disse Sicuteri,

A crença de que as bruxas provocavam a doença e a morte, era, em voz baixa, ampliada para as mulheres em geral, pois estas, embora aceitas e desfrutadas, eram-no com a maior desconfiança, por causa dos sentidos e de

³⁴ SICUTERI, 1986, p. 117.

³⁵ SHARPE, 1997, p. 60.

“sua imundície”. Não é por acaso que se recordava a passagem bíblica: “Sobre aqueles que são escravos da sensualidade tem o poder do diabo”³⁶.

Vimos ao longo de todo este projeto, que a mulher dentro da baixa Idade Média, em primeiro lugar, dentro das duas classes da sociedade – dominadores e dominados – é inferior a ambos, em segundo lugar, vimos também que a mulher é sentimental, ou seja, que ela sempre vai pender para o lado emocional e com estas duas observações feitas, vamos conseguir compreender a visão da Igreja Católica sobre elas que, segundo o famoso livro de caças às bruxas, o *Malleus Maleficarum* (Martelo das Feiticeiras) que foi lançado em 1489 por Heinrich Kraemer (1430-1505) e Jakob Sprenger (1435-1495),

[...] esta perfídia é mais frequentemente encontrada em mulheres que em homens, como aprendemos pela experiência real, se alguém está curioso quanto à razão, nós podemos acrescentar ao que já foi dito pelo seguinte: que desde que elas são mais débeis em mente e corpo, não é de surpreender que elas deveriam agir mais sob o feitiço da feitiçaria³⁷.

Para os autores do *Malleus Maleficarum*, a citação acima vai nos ajudar a compreender que as mulheres sempre foram fracas e desleais, isso é uma realidade dentro de sua época e, já vimos isto anteriormente algumas vezes, por conta disso “tanto da alma quanto do corpo, não é de se espantar que – as mulheres – façam muitas bruxarias contra os homens que querem tanto imitar³⁸”. Sicuteri ainda vai continuar afirmando que, os inquisidores apenas querem condenar a mulher, aqui no caso, a bruxa, por conta de suas heresias e seus vícios sexuais. Esta marca, ser taxada como bruxa, será como vimos anteriormente a condenação à morte de inúmeras mulheres durante o período aqui estudado.

A Igreja Católica tinha um caminho pré-definido por Deus para que a humanidade seguisse e, estas mulheres se desviaram dele, fizeram pactos com o Diabo por serem fracas de espírito e mente, se deixaram levar pela tentação da carne com suas orgias, cometeram crimes contra o próximo, dos feitiços mais banais àqueles que levavam suas vítimas ao óbito, enfim, renegaram a Deus como Lilith que foi o primeiro grande exemplo desta pesquisa.

³⁶ SICUTERI, 1986, p. 118.

³⁷ KRAMER E SPRENGER, p. 44.

³⁸ SICUTERI, 1986, p. 114.

E por fim, longe de ser responsável por si mesma, entendemos que a mulher é ao mesmo tempo, a sedutora e a seduzida, naturalmente fraca, propensa a erros e ao pecado. Logo, ela precisou estar sempre subordinada a um homem. Inicialmente subordinada a seu pai, onde logo a seguir sua tutela é entregue ao seu marido e, se viúva, aos seus filhos ou irmãos.

IMAGENS



Imagem 1: Nave, Capital, Sainte Madeleine. Vezelay, France. 1120-1132. Lust

Disponível: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vézelay_Nef_Chapiteau_220608_05.jpg



Imagem 2: Nave, Capital, Sainte Madeleine. Vezelay, France. 1120-1132. Idolatry

Disponível: <https://www.stanparryphotography.com/Romanesque-Churches-of-France/Vezelay-Abbey/i-fVZzsCp/A>

BIBLIOGRAFIA

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios: A Ideia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna**. São Paulo, SP: EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma Cidade Sitiada**. 5ª Reimpressão. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

DUBY, Georges. **As Damas do Século XII**. 1ª. Edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Bertrand Brasil, 1993.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, Jakob. **The Malleus Maleficarum**. Mineola, NY: Dover Publications, 1971.

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval – Volumes 1 e 2**. 1ª. Edição. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2017.

LINK, Luther. **O Diabo: A Máscara sem Rosto**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5ª. Edição. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2002.

ROIO, Marcos Del. **O Império Universal e seus Antípodas**. São Paulo, SP: Ícone Editora, 1998.

RUSSELL, Jeffrey Burton. **The Devil: Perceptions of Evil from Antiquity to Primitive Christianity**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1987.

SHARPE, James. **Instruments of Darkness: Witchcraft in Early Modern England.**
Filadélfia, PA: University of Pennsylvania Press, 1997.

SICUTERI, Roberto. **Lilith: A Lua Negra.** 2ª. Edição. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.

STROOTMAN, Rolf. **Kings against Celts: Deliverance as a Theme in Hellenistic Royal Propaganda.** In: ENENKEL, Karl A. E. & PFEIJFFER, Ilja Leonard (editores) **The Manipulative Mode: Political Propaganda in Antiquity a Collection of Case Studies.** Leiden, Holanda: Koninklijke Brill, pp. 101-141, 2005.

UNGER, Merrill F. **Biblical Demonology: A Study of Spiritual Forces at Work Today.**
Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1994.